

O ENIGMA DA JAULA

Um

Romance

Escrito

por

Alex Napoli

Livro Patrocinado Gratuito

COPYRIGHT 2004 ALEX NAPOLI
TODOS DERECHOS RESERVADOS
SCRIPTSURFER ENTERTAINMENT
WWW.SCRIPTSURFER.COM

Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo

www.democraciadireta.org

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

www.PraiaSurfClub.com

CAPÍTULO 1

“Uma jaula, cinco prisioneiros, um sobrevivente: quem quando acima estava aberto abaixo estava fechado, quem quando aberto estava lá fechado não estava, quem quando de cabeça para cima estava de cabeça para baixo.”
(Stonehenge, Inglaterra,
Autor Desconhecido)

Era um dia ensolarado no topo de uma montanha costeira onde uma jaula de aço contrastava estranhamente com a paisagem natural.

Cinco pessoas estavam deitadas inconscientes no interior da jaula. Eram três homens e duas mulheres: Rafa, penteado alinhado e terno finíssimo; Teo, cabelo zoneado, barba por fazer e roupas folgadas; Miro, cabelos longos, cavanhaque, camiseta e jeans desbotado; Pati, vestido e cabelos longos a moda antiga; Bel, jeans novos, camiseta moderna e cabelo curto.

Rafa abriu os olhos. Ao olhar em volta sua preguiça se esvaiu. Sua surpresa virou desespero.

Rafa tentou o celular. Não estava funcionando.

Ele tentou acordar os outros, sacudindo a Bel e o Teo.

— Acorda, meu chapa. Quem diabo é você?

— Ainda não mãe... ainda não...

— resmungou Teo.

— Como eu vim parar nesta merda? — disse Rafa, intrigado.

Teo continuou dormindo. Bel levantou e olhou em volta:

— Uau... Aonde... Jesus Cristo... Deus do céu... Como... E quem são vocês?

— Quem é você? — devolveu Rafa.

— Eu perguntei primeiro — insistiu Bel.

— Eu acordei primeiro. E eu perguntei primeiro.

— Eu estava dormindo. E eu não te escutei. Você me escutou. Então eu te perguntei primeiro.

— Damas primeiro — disse Rafa gentilmente.

— Eu não sou uma "dama." Quem é você? Quem diabo é você? E quem são estas pessoas? O que eu estou fazendo numa jaula no topo de uma montanha? Como eu cheguei aqui? Vocês me drogaram? — perguntou Bel grosseiramente.

— Mãe... shssh... tô tentando dormi pô... — murmurou Teo.

Miro e Pati acordaram. Miro passou a mão no seu pescoço dolorido. Pati com dor de cabeça pôs a mão na testa.

Bel tentou o seu celular mas desistiu, não estava funcionando:

— Acorda idiotas! Olha em volta. Aonde a gente está?

— Ninguém te seqüestraria. Isso eu garanto. Você é uma mala sem alça — disse Rafa.

— Obrigada. Mas eu não me lembro de ter entrado numa jaula — replicou Bel.

— Nem eu, sua maluca sapatão.

— Eu não falei que era lésbica.

— Eu estou falando que você é.

— Ah. Então você me conhece?

— Eu conheço agora. Fica calada.

Fecha essa

matraca com bafo de onça —
finalizou Rafa, olhando para fora e
segurando as barras da jaula.

Miro se levantou.

— Alô!! Têm alguém aí?! —
gritou Rafa.

— Ai... Tá ecoando no meu
cérebro... — murmurou Miro.

Pati ficou histérica andando de um
lado para o outro:

— Quem são vocês?! Porque
estamos numa jaula?! O que é isso?!
Onde nós estamos?! Eu quero sair!
Agora! Quero sair. Me tira daqui.

Teo acordou. Bel tentou acalmar a
Pati, abraçando-a.

— Sai de cima de mim! —
refugou Pati.

— Mãe! Desliga a TV! — disse
Teo antes de voltar a dormir.

A Pati começou a chorar.

— Este cara ficaria cochilando nas
torres gêmeas de Nova York

enquanto elas desmoronavam. —
observou Bel.

— Oi. Meu nome é Miro — disse
ele sorrindo para a Bel.

— Alguém legal. Bel. — retrucou
ela com um sorriso quase
constrangido.

— Então você é uma lésbica
bissexual? — provocou novamente
Rafa.

— Escuta ô, ‘chapinha’, presta
atenção na sua boca ou só um de nós
vai sair daqui vivo.

— Eu.

— Não fica muito confiante. Nós
temos que pensar em um jeito de
sair daqui.

— Seu cérebro precisa de ajuda.
Porque eu não estou surpreso?

— Estou sentindo cheiro de flores
— disse Miro olhando ao redor.

— Ótimo. Um cabeça de vento,
uma sapatão, um bicho preguiça e
um bebê chorão — disse Rafa.

Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo

www.democraciadireta.org

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

www.PraiaSurfClub.com

— E um idiota — adicionou Bel
balançando as barras de aço,
procurando por uma abertura.

CAPÍTULO 2

— Não tem porta. Está tudo soldado — disse Rafa.

— Ok. Vamos começar por algum lugar — sugeriu Miro.

— ‘Vamos começar por algum lugar.’ Um gênio bastante útil — ridicularizou Rafa.

— Onde nós estávamos antes de chegar aqui? — insistiu Miro, focalizado e pensativo.

— É uma ótima linha de investigação. Mas eu não me lembro — disse Bel.

— Eu lembro que estava tomando café da manhã— disse Rafa.

— Grande ajuda, Einstein. Você só toma café todo santo dia — disse Bel.

— Eu me lembro dirigindo sozinha. A noite... uma estrada... Em algum lugar... — disse Pati.

— Eu me lembro que estava em cima do continente americano — ironizou Bel.

— Pelo menos eu me lembro de alguma coisa — disse Pati.

— ...Uma pessoa normal. Eu sou Rafael. Os amigos me chamam de Rafa.

— Pati. Minhas irmãs me chamam de Pati.

— Pati e Rafa. Seres humanos normais. Estamos em perigo — disse Bel.

— Eu me lembrei onde eu estava
— disse Miro enquanto Teo
começou a roncar.

— Acorda esse idiota! Enfia o pé
na bunda dele — latiu Rafa.

— Deixa o pobre coitado dormir
— discordou Bel novamente.

— Eu estava num campo. Perto
da casa do meu avô — continuou
Miro.

— Conferindo a sua plantação de
erva? — ironizou Rafa.

— Eu estava caçando coelhos.

— Jesus... Mãe de Deus. Um
assassino de animais. Eu sou
vegetariana. Eu não gosto de
carnívoros e odeio caçadores —
protestou Bel.

— Eu sou caçador desde
criancinha — disse Rafa orgulhoso.

— Eu não mato. Só capturo e
vendo eles vivos pra universidade.

— Melhorou muito. Você não mata, só vende eles pra serem torturados e terem uma morte científica lenta e sofrida — disse Bel.

— Eu vou acordar este cara. Eu preciso ouvir uma voz nova. Idéias frescas. Acorda, seu preguiçoso desgraçado. Rafa sacode o Teo.

— O que, mãe? Já é meio dia? — disse Teo com os olhos semi abertos.

— Eu não sou sua mãe e não faço a menor idéia que horas são.

Miro olha no seu relógio de pulso:

— Onze e quinze.

Bel confere no seu:

— No meu são quase cinco da tarde.

— Que maluquice — notou Rafa.

— No meu são duas. Eu tinha uma consulta com um dentista — disse Pati.

— Você estava dirigindo numa estrada em algum lugar, pra chegar num dentista? Ele ia examinar seus dentes ou sua vagina? — perguntou Bel.

— Meu dentista é no centro. Eu só falei o que eu lembrava por último.

— No centro da onde? — perguntou Rafa.

— Florianópolis.

Rafa ficou intrigado:

— Eu sou de São Paulo.

— Eu moro no Rio de Janeiro — disse Miro.

— Belo Horizonte — completou Bel.

Teo se levantou, olhos semi-cerrados, olhando devagar para todos:

— Perdi alguma coisa? Cadê a minha mãe?

— Deve estar limpando as suas fraldas — disse Bel.

— Quem é você? Minha sexy babá?

— Não, sua prostituta.

— Então posso estacionar meu Cadillac na sua garagem? Mãe! Caramba... que lugar é esse?

— O que você disse? perguntou Bel.

Teo bocejou:

— O que eu disse... Onde nós estamos? Porque a gente tá numa jaula? Vista maravilhosa. Eu preciso dar uma mijada... e uma cagada.

— Ah não. Não, não, negativo. De jeito nenhum. Segura. Guarda. Morra se for necessário.

Um momento mais tarde, Teo, Rafa e Miro mijavam nos três diferentes lados da jaula. Pati e Bel olharam para fora no quarto lado.

— Acho que estou batendo o recorde mundial de mijo a distância — disse Teo.

— Pelo menos nosso mijo está saindo daqui. Bel. Para de espiar — Rafa.

— Não se preocupe. Eu ia precisar de um binóculo pra ver seu pintinho.

— Eu deixo você ver o meu se você deixar eu ver a sua — disse Miro.

— Eu já vi o seu.

— Por favor. Dá pra gente concentrar em achar um jeito de sair daqui? Tomara que a jaula não fique fedendo... — reclamou Pati.

Miro e Rafa terminaram. O Teo parecia que estava só começando com um jato forte.

— Que isso. Você tá enchendo uma piscina? — perguntou Miro.

— Deve ser o engradado de cerveja antes da cochilada — ironizou Rafa.

— Deve ser o pacote de suco suquinho — esclareceu o Teo.

— Nunca ouvi falá. Deve ser uma oferta de um real a dúzia — disse Bel.

— Não sou de ofertas. Minha mãe é que faz as compras. Eu só como e bebo o que ela compra.

Teo acabou com um jato poderoso e balançou o pinto como se estivesse estrangulando uma galinha.

A Bel encarou:

— Não vai esticar. Pode acreditar.

— Eu tava pensando em fazer uma operação para reduzir o tamanho do monstro. eu não gosto de machucar as minhas parceiras.

— É esse o nome da sua mão direita? ironizou Bel.

— É. E tá na hora de sair daqui.

Teo agarrou o topo de um lado da jaula e abalroou o lado adjacente com os dois pés. A jaula manteve-se sólida como uma rocha.

— Boa tentativa. Mas essa jaula parece muito sólida. Na verdade,

incrivelmente sólida. Muito justa — disse Miro.

— Vamos tentar todo mundo junto batendo num lado só. Talvez ela vire — sugeriu Rafa.

— E nós vamos rolar morro abaixo, morrer e libertar nossas almas. Grande plano. Eu passo — avisou Bel.

— Vamos tentar. Quando eu contar três. Um, dois, três — contou Miro. Ele, Teo e Rafa abalroaram um lado. Nada aconteceu. A Pati bateu atrasada devagar.

— Vai fundo garota. Você descascou a tinta — ironizou Bel.

— Eu acho que estirei um músculo... — reclamou Pati ao se sentar com dores.

Teo balançou as barras da jaula e gritou como Tarzan:

— Ahahhahahh!!!

— A mamãe não vai te ouvir — disse Rafa.

— Tô chamando o Cujo. Meu Pit Bull.

— Nós precisamos concentrar no desenvolvimento de uma solução teórica. E depois implementá-la — sugeriu Miro.

— É só fazer. Economiza tempo — disse Teo.

— Precisamos saber quem diabo colocou agente aqui — disse Bel.

— Um assassino em série. Igual o Hannibal daquele filme — sugeriu Pati.

— Legal. A gente desce a porrada quando ele aparecer — disse Teo.

— Não. Isso tá muito esquisito. Até prum maluco psicótico — disse Rafa.

— A gente não devia estar num porão escuro? — perguntou Miro.

— Claro. O quê que isso? Um assassino em série vegetariano,

ambientalista e alpinista?

—perguntou Bel.

— Porque não? Não têm ninguém por aqui. Onde nós estamos? — perguntou Pati.

— Onde não tem uma televisão — reclamou Teo.

Rafa tentou o seu celular novamente:

— Continua não funcionando.

Bel tentou o seu também:

— Nem o meu.

— Estamos no meio de lugar nenhum — disse Miro.

CAPÍTULO 3

— A gente tem que começá a pensá em comida — lembrou Teo.

— A não ser que você seja canibal você vai fazer dieta — disse Rafa.

— É isso. Talvez isto aqui seja um novo tipo de clínica forçada de emagrecimento. Eles te drogam e te colocam numa jaula. Minha mãe seria capaz de fazer isso — disse Bel.

— Agora estou vendo da onde vem a sua maravilhosa personalidade — disse Rafa.

— Eu acho ela uma garota bem legal — discordou Miro.

— Obrigada Miro. Mas eu achei o insulto um elogio, considerando a fonte.

— Eu mantenho o meu elogio assim mesmo .

— Se você morresse de um ataque do coração ou de tédio com você mesmo eu até que consideraria canibalismo — disse a Bel para o Rafa.

— Eu te comeria bem passada se tivesse sal grosso e uma churrasqueira — respondeu Rafa.

— Eu sô capaz de fazê um churrasquinho com a minha própria perna. Pô eu tô com uma fome do cão — reclamou Teo.

— Dá pra vocês calarem a boca?! Esta conversa tá me dando arrepios... Nós todos vamos virar linguixa para o churrasco desse psicopata — avisou Pati.

Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo

www.democraciadireta.org

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

www.PraiaSurfClub.com

— Espera aí. Não vamos começar a achar que uma hipótese é uma conclusão — teorizou Miro.

— O quê? — disse Teo.

— Vamos gritar juntos. Fazer muito barulho. Alguém pode ouvir a gente. Socorro!! — gritou Bel.

Todo mundo começa a gritar socorro, exceto o Teo que fica olhando em frente.

— Shhh! Acho que eu vi alguma coisa. Um coelho ou um rato. Vai dar um belo aperitivo.

Todos olharam mas não viram nada.

— Você e seu estômago deviam voltar a dormir — disse Rafa.

— Deve ter alguém olhando a gente — lembrou Pati.

— Você devia cancelar aquela consulta com o dentista e marcar uma com um psiquiatra — sugeriu Bel.

— Você devia ir com ela pruma seção dupla — adicionou Rafa.

— Eu tenho meu próprio analista — disse Bel.

— Coitado do infeliz. Tem gente que faz qualquer coisa por dinheiro — disse Rafa.

— No que você trabalha? — perguntou Bel.

— Sou administrador financeiro. E você? Têm alguém retardado o bastante pra te contratar?

— Eu sou arquiteta. Eu tenho o meu próprio escritório. E você Miro?

— Eu sou estudante. Doutorado em microbiologia.

— Que diabo é isso? Você estuda micróbio? Germe? Vírus? — perguntou Teo.

— Alguma coisa assim — disse Miro.

— Eu sou engenheiro automotivo. Mas têm gente que me chama de

Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo

www.democraciadireta.org

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

www.PraiaSurfClub.com

mecânico. E você Pati? Aposto que é professora de jardim de infância, cabeleireira ou decoradora — adivinhou Teo.

— Eu sou uma enfermeira desempregada. Eu trabalho com minha irmã numa flora — explicou Pati.

— Ótimo. Então nós temos absolutamente nada em comum. Somos de diferentes lugares e profissões — concluiu Miro.

— Diferentes espécies também — acrescentou Rafa.

— Eu sabia que você não era humano — disse Bel.

— Não, eu sou humano. Você é alguma espécie de macaco. O Teo é um porco. O miro uma coruja e a Pati um esquilo bonitinho.

— Então eu sou canibal. Eu adoro linguiça de carne de porco — disse Teo.

— E você é uma cobra, Rafa. Mas não venenosa. Só uma cobra idiota que gostaria de ser venenosa — explicou Bel.

— Eu não sou um esquilo — disse Pati.

— Nós estamos num zoológico. É isso. Tem alguém estudando a gente. Nós somos ratos de laboratório — teorizou Miro. Ele checou seus braços.

— Eu vou processar alguém por isso — protestou Bel.

— Checa se tem marca de injeção nos seus braços — disse Miro. Todo mundo checou.

— Nada — disse Rafa.

— Eu estou limpa. Só uma picada de mosquito — disse Pati.

— Dá pra comê mosquito sem pegá doença? — perguntou Teo.

Miro examinou o braço da Pati.

— Chequem se vocês têm picada de mosquito— disse Miro.

Eles procuraram por toda parte, inclusive embaixo da roupa.

— Então qual a sua idéia? Nós somos refeição de mosquito? Pesquisa de vírus? Quarentena? Eu não tenho marcas — disse Rafa.

— Nem eu. Graças a Deus. Eu odeio mosquito— disse Bel aliviada.

— Você não é uma amante de árvores, uma veneradora de animais? Os mosquitos não são também criaturas de Deus? — perguntou Rafa.

— Sim. Quero dizer, não. Eu mato eles em legítima defesa. Eles são sangue sugas iguais a você. É isso! Você é o mosquito que vai morder a gente — disse Bel.

— Eu não vou te morder. A não ser que você só queira sexo sem compromisso. Mas eu acho você

muito pouco atraente. Eu prefiro a Pati — retrucou Rafa.

— Obrigada, mas eu não sou de "sexo sem compromisso" numa jaula com um estranho — declinou Pati.

— Eu prefiro transar com um mosquito do que com você — disse a Bel para o Rafa.

— Então quer dizer que você também gosta de um mosquitinho faceiro...

— É isso. Esse cara é algum tipo de pervertido pornô. Ele deve estar filmando a gente pra mostrar na Internet.

— Eu topo. Onde que eu assino? — disse Teo.

— Você está sonhando. É igual aquelas donas de casa que fantasiam em ser uma prostituta ou estrela pornô. Eu lamento decepcioná-la. Isso aqui não é nada disso — disse Rafa.

— Eu estou com a teoria do psicopata assassino em série — disse Pati.

— Perversos pornô. E ele tá metido — reafirmou Bel.

Miro deu sua opinião:

— Isso aqui tá parecendo uma experiência científica muito doida.

— É algum tipo de teste alimentício. Eles deixam a gente passando fome. Depois eles servem um buffet livre pra gente se empanturrar — teorizou Teo.

— Isso está muito esquisito. Eu já vi muita coisa estranha. Isso é coisa de outro mundo... — concluiu Rafa, seguido de um barulho esquisito.

— Vocês ouviram? — perguntou Miro.

— Uma pedra caindo — adivinhou Rafa.

— Uma fonte de comida se movendo — discordou Teo.

— Ele está vindo pra acabar com a gente. Eu falei — choramingou Pati.

— Eu não ouvi nada — disse Bel.

— E você também é surda? Seus defeitos só ficam se empilhando — atirou Rafa.

— Os seus são muito claros — devolveu Bel.

— Sshh. Cala a boca — pediu Miro.

Rafa tenta escutar de novo. — Nada.

— É ele. Eu sei que é. — disse Pati.

Teo se ajoelhou. — Vêm cá , tiu, tiu, tiu.

— Eu falei que não era nada. Miro, a sua ciência não pode tirar a gente daqui? — perguntou Bel.

— Boa pergunta, Bel. Muito boa pergunta — elogiou Miro pausadamente.

O ENIGMA DA JAULA / ALEX NAPOLI

Scriptsurfer Entertainment - Entretenimento Multimídia

www.scriptsurfer.com

— E a resposta é? — perguntou
Teo.

Turisistem - Desenvolvimento Turístico e Imobiliário

www.turisistem.com

Globolsa - Bolsa Direta Global

www.globolsa.com

CAPÍTULO 4

Momentos depois todos estavam sentados contra as grades da jaula, entediados e sem esperança. Estava começando a ficar escuro.

— E se ele for um vampiro só esperando o sol se por? — perguntou Pati.

— Eu só quero que alguém apareça: Drácula, Lobisomem, Frankenstein, um fantasma... Alguém. — disse Bel.

— Cuidado, os seus desejos podem se realizar, aí você vai chorar pela mamãe. — avisou Rafa.

— Experimenta aí o celular.
Talvez a gente possa pedi uma pizza e vê se o entregador ajuda a gente a sair ou chamar a polícia. — sugeriu Teo.

A Bel tentou o celular e balançou a cabeça.

O Rafa tenta o dele. — Não dá linha.

— Pode ficar frio, a gente devia ficar junto. — sugeriu Miro.

— Porque você não para de enrolar e vai fundo? — perguntou Rafa.

— Fundo no quê?

— Na Bel. Você não quer enrrabar ela? Eu fico com a Pati. O Teo pode congelar sozinho até a morte.

— O atrito da minha mão com meu pênis vai dar todo calor que eu preciso — devolveu Teo.

— Cada um fica no seu canto e reza pra alguém salvar a gente — disse Bel.

— Eu preciso fazer chichi — disse Pati.

— Assim que escurecer — disse Bel.

— Espera aí. Como vocês vão esguichar isso pra fora da jaula? — perguntou Rafa.

— Elas podem enfiar uma mangueira na bunda — sugeriu Teo.

— Não sai da nossa bunda. A sua mamãe não te explicou isso? — perguntou Bel.

— É mesmo? Quantos buracos vocês têm aí embaixo? — perguntou Teo.

— Talvez a gente devia guardar em caso de precisarmos de água — sugeriu Miro.

— Limonada. Boa idéia — disse Teo.

— Se você quer morrer mais cedo é só se enforcar — emendou Rafa.

— Pode ser destilado — explicou Miro.

— É mesmo? Como? — perguntou Pati.

— Eu ainda não sei — disse Miro.

— Ótimo. Enquanto você pensa a gente morre do fedor — adicionou Rafa.

— Dá pra vocês calarem a boca. Eu vou colocar minha bunda na grade e esguichar para fora — explicou Bel.

— Isso é mais informação do que eu preciso saber — disse Rafa enojado.

— Não, continua, eu tô até ficando excitado — incentivou Teo.

— Eu estou completamente não excitada com esse papo. Dá pra mudar de assunto? Eu estou arrependida de ter mencionado o

assunto... Vamos cantar — sugeriu
Pati.

— Não por favor, tortura de
prisioneiros é ilegal — protestou
Rafa.

CAPÍTULO 5

Era noite na jaula quando todos estavam dormindo separados uns dos outros.

No dia seguinte, a jaula agora estava numa linda praia. Eles estavam todos dormindo empilhados e juntinhos.

O Teo estava abraçado ao Rafa que estava abraçado a Bel que estava abraçado ao Miro que estava abraçado a Pati que estava chupando o seu dedo.

A Bel quase acordou. Ela abraçou o Miro mais forte. Tinha uma mão na bunda dela, mas ela notou que as mãos do Miro estavam na sua frente.

Bel se virou e viu que a mão era do Rafa:

— Ei... tira sua mão de mim seu pervertido.

Rafa acordou, notou que ele estava pertinho da Bel e que Teo estava fungando no seu cangote. Ele se levantou surpreso e enojado:

— Agora eu sei sobre o que era o meu pesadelo.

— Sua mão estava na minha bunda.

— Porque você botou sua bunda na minha mão?

Rafa olhou boquiaberto a paisagem: mar e praia.

A Bel olhou em volta tentando se acordar:

— Eu podia jurar que estou vendo uma praia.

— Você está — disse Rafa.

Bel se levantou. Pati acordou.

— Deus do céu... Jesus Cristo. O que é isso... O que está acontecendo aqui? Deus tenha piedade

das nossa almas... — disse Bel.

— Nós ainda estamos vivos.

Graças a Deus — disse Pati.

— Isso é loucura... Eu não acho que a gente está vivo. Isso deve ser o céu... Ou o inferno.

Miro acordou e achou laranjas, bananas e maçãs no canto da jaula:

— Papai Noel da comida passou por aqui.

Teo acordou:

— Alguém falou em ‘comida’? Ele pulou nas bananas.

— Ô rei dos porcos, segura a sua boca. Eu também estou com fome

— disse Rafa.

— Pega só sua parte. Um quinto — disse Miro.

— Acho que as bananas não são múltiplo de cinco — disse Teo de boca cheia.

— Ah meu deus me dá uma dessas — pediu Bel.

Miro, Teo e Pati olharam boquiabertos a paisagem litorânea.

— A gente não tava no alto de uma montanha? Eu perdi alguma coisa? — disse Teo.

— Eu não vi nada — disse Miro.

— Eu dormi igual uma pedra — disse Pati.

— Isso não é desse mundo — disse Rafa.

— Nós estamos sendo testados por algum laboratório ou agência governamental. Nós estamos em algum tipo de quarentena — especulou Miro.

Pati deu a sua opinião:

— Eu estou falando. Tem um Hannibal Lecter brincando com a

gente. Ele nos drogou e está mudando a gente de lugar.

— Eu acho que a gente está morto. Isso aqui é vida após a morte — disse Bel.

— O seu cérebro está morto desde o dia em que você nasceu. Eu estou vivo da silva. Eu vou é matar quem for responsável por isso aqui — atirou Rafa.

— Pelo menos eles trouxeram comida — comemorou Teo.

Todo mundo tentou pegar a sua parte da comida.

— Relaxa gente. Tem duas laranjas, duas bananas, uma maçã e um quinto de uma maçã para cada um — explicou Miro.

— Eu troco meu quinto por uma banana — ofereceu Teo.

— Eu te dou uma banana por uma maçã — contrapropôs Pati.

— Meia maçã.

— Fechado. Mas e a faca pra cortar ?

— Não tem faca. Vou comer o meu quinto de maçã e minha meia maçã. Teo mordeu duas maçãs, babando e deixando pedaços babados caírem. Depois ofereceu o resto para a Pati e para os outros mas ninguém aceitou.

— Pode ficar. O trato está desfeito — disse Pati.

Eles devoraram tudo. Rafa não conseguia tirar os olhos da paisagem:

— Isso é estranho.... Isso é muito estranho....

— Dá pra ver alguém? Outras almas penadas? — perguntou Bel.

— Só mar e areia. Eu duvido que a gente dormiria na descida daquela montanha — disse Rafa.

— Nunca subestime o poder das drogas — disse Teo.

— A gente deve ter inalado algum tipo de vapor — disse Miro.

— Ele vai vir pra acabar com a gente... Ele está dando comida pra gente. Ele deve ser canibal — disse Pati.

— A gente não vai ter muita carne com este tipo de dieta vegetariana. Eu quero carne vermelha — demandou Teo.

— Odeio carne. Mal passada então deveria ser crime — disse Bel.

CAPÍTULO 6

Momentos depois, Bel se bronzia. Pati tentava se esconder do sol, se protegendo com a camisa. Teo cochilava com os pés em cima das grades. Miro olhava pensante para as ondas. Rafa andava em círculos impaciente e suando:

— Que calor filho da mãe.

— Relaxe e curta — sugeriu Bel.

— Estou te falando, você vai pegar câncer de pele — avisou Pati.

— Eu acho que tive uma idéia — disse Miro.

Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo

www.democraciadireta.org

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

www.PraiaSurfClub.com

— Bom. Vamos ouvir — disse Rafa.

— Ah, então agora ele é um gênio — ironizou Bel.

— A nossa situação é desesperadora. Qualquer coisa é melhor do que nada — retrucou Rafa.

— Eu tou brincando. Não consigo pensar em nada. Meu cérebro está torrando — disse Miro se sentando perto da Bel que ficou desapontada.

Rafa chutou a grade.

— Relaxa, Rafa. Pelo menos uma vez na sua vida — disse Bel.

— Vocês são um bando de bunda moles. Vamos revezar chutando essa grade — disse Rafa.

— Eu estava brincando quando eu disse que estava brincando. Eu tenho uma teoria. O tempo vai dizer se eu estou certo — afirmou Miro.

— Tempo? Tempo é o que a gente tem de sobra — disse Rafa chutando as grades de novo.

Teo acordou:

— Aleluia! Vamos sair?

— Me ajuda — pediu Rafa.

Teo se levantou:

— Tô precisando de um exercicinho.

Eles se revezaram chutando as grades.

— Para com esta bobagem. Ele vai ouvir a gente — disse Pati.

— Não tem nenhum lobo mau vindo pra te pegar. É sua fantasia sexual favorita não é? — perguntou Rafa.

— A minha é o Benício del Toro ou o Rodrigo Santoro — disse Bel.

— Eu gosto do Johnny Depp — disse Pati.

Teo se empolgou:

— Meu negócio é um "menage à trois" com a Britney spears e a

Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo

www.democraciadireta.org

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

www.PraiaSurfClub.com

Cristina Aguilera. Depois as Sheilas do "É o Tchan" entram no meio do suruba.

— Elas são seu sonho. Mas você seria o pesadelo delas. Eu sou um cara dos anos setenta: Brigitte Bardot e Jane Fonda — escolheu Rafa.

— Você parece mais um cara de garota de programa. E você Miro? — perguntou Bel.

— Eu gosto da "vizinha bonitinha"... Alguém como... Você.

Bel sorriu. Miro colocou a mão no seu rosto.

— Meu Deus, você está caindo por esta babaquice? — disse Rafa.

— Você está com ciúme? — perguntou Pati.

— Não, eu só não aguento esse papo furado de filhinho de papai e filhinha de mamãe — disse Rafa.

— Você devia falar com a minha analista. Ela é ótima com caras

como você. Você quer o número dela? — perguntou Bel.

— Se ela for comestível. Eu posso traçar ela enquanto ela explora a sua gruta — replicou Rafa.

— Você é um caso perdido — disse Bel.

— Nós vamos perder nosso tempo esperando pra morrer ou a gente vai fazer alguma coisa? Eu estou falando, ele vai vir pra acabar com a gente — disse Pati.

— Quem é "ele"? — perguntou Miro.

— Um Hannibal Lecter. Um assassino em série.

— E se "ele" for "ela"? — especulou Bel.

— Seria legal. Uma dominatrix. Ela vai estuprar a gente. Ela está mantendo a gente como brinquedinhos sexuais — disse Teo.

— Talvez ele ou ela é um de nós — disse Miro.

Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo

www.democraciadireta.org

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

www.PraiaSurfClub.com

Eles olharam desconfiados uns
pros outros em silêncio.

CAPÍTULO 7

— Eu só estava brincando — disse Miro.

— Seria um tremendo filho da mãe frio e perverso — disse Rafa.

— Talvez "ele" seja você — provocou Bel.

— Você já teria virado picadinho. Pode acreditar.

— Ele precisaria de um cúmplice pra mover a gente — disse Pati.

— Ele só precisaria nos drogar enquanto a gente dormia, sair e transportar a jaula da montanha para a praia — teorizou Miro.

Houve outro momento de silêncio embaraçoso.

— O Rafa foi o primeiro a acordar duas vezes — acusou Bel.

— Escuta o que vocês estão falando. Isso aqui está muito esquisito, até prum psicopata assassino em série. Eu já teria acabado com vocês a muito tempo.

— Você não parece um inteligente psicótico assassino em série — disse Miro.

— Eu concordo, ele não têm o cérebro pra ter um cérebro distorcido — acrescentou Bel.

— Talvez ele seja um imitador. Aposto que tem algum livro ou filme por aí descrevendo essa coisa toda — opinou Pati.

— Isso não é uma coisa de um homem só. É um empreendimento organizado. Científico talvez. Eles devem estar observando a gente agora mesmo — disse Miro.

— Ô caras! Dá pra mandar umas pizzas?! — gritou Teo.

— ...Meu pai viu uma nave espacial alienígena quando eu era garoto... Meu irmão e eu vimos as luzes... Isso aqui pode ser isto — disse Rafa, envergonhado.

A Bel riu:

— Alienígenas! Eu sabia que você tinha algum trauma de infância.

— Esquece. Você está certa. Eu sou o Hannibal Lecter. Vocês todos vão morrer.

— Eu não. Eu cortaria a sua jugular antes de você pensar em me matar — disse Teo.

— Eu te acertaria antes de você começar a mover esta barriga gorda — devolveu Rafa.

— Vamos esquecer este papo. Eu não gosto pra onde isso está indo — disse Bel.

— Aonde tá indo? — perguntou Teo.

— Pra onde a gente começa a se odiar e se matar — respondeu Pati.

— Aí a gente vai se canibalizar — acrescentou Teo.

Eles se olharam em silêncio.

— Não é uma teoria ruim — observou Miro.

— Eu acho que muito em breve nós vamos encontrar Deus ou o diabo — disse Bel.

— Porque você não se mata? Se você acha que estamos todos mortos, não vai fazer diferença — desafiou Rafa.

— Eu posso estar errada... A não ser que você queira ser voluntário pra experiência — devolveu Bel.

— Homicídio, suicídio... Ele está manipulando nossas mentes — reclamou Pati.

Teo se deitou num canto:

— Eu cansei desta besteirada. Vamos dar uma cochilada e deixar o tempo decidir quem está certo — sugeriu Teo.

— Você sabe que vai passar noventa por cento da sua vida, comendo, cagando e dormindo? — perguntou Rafa.

— Sei. E você? — devolveu Teo, tranquilamente fechando os olhos.

— Quer saber de uma coisa, eu acho que ele é o cara — acusou Rafa.

— Eu vou dormir com um olho aberto — disse Bel.

— Pra atacar quando a gente
dormir? — perguntou Rafa.

— Eu não confio em ninguém —
disse Pati.

— E também ninguém deve
confiar em você — devolveu Bel.

CAPÍTULO 8

Mais tarde, todos estavam espalhados, separados uns dos outros e encostados nas barras da jaula.

— O sol vai se por daqui a pouco — observou Pati.

— Os vampiros vão acordar para o café da manhã — ironizou Miro.

— A esta altura, vampiros soam melhor que um

assassino em série — disse Bel.

— É, eles te dão uma morte limpa e rápida, e ainda te fazem imortal — concordou Teo.

Rafa pôs seu ouvido contra a barra da jaula:

— Eu estou ouvindo alguma coisa. Confiram.

Miro e Bel tentaram ouvir.

— É o estômago do Teo — brincou Bel.

— Não... É um... barulho. Água submersa. Lava — disse Miro.

— Tem uma batida, um chocalho — adicionou Rafa.

— As ondas devem estar movendo as coisas de um lado pro outro — disse Bel.

Miro desistiu:

— A Bel está certa. É o oceano.

— Então quer dizer que com certeza não é o oceano. O barulho tem um padrão. Tem alguém por aí — refutou Rafa.

Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo

www.democraciadireta.org

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

www.PraiaSurfClub.com

Bel e Rafa pararam de ouvir.

— Você está apaixonado por mim, Rafa? — ironizou Bel.

— Se você quer dizer amor no sentido de sexo. Talvez eu esteja. Mas a Pati é minha primeira opção — explicou Rafa.

— Obrigada. Mas não obrigada — disse Pati.

— Eu não pedi nada pra você — disse Rafa

— Caso você peça. Você já sabe a resposta.

— Eu não transaria com você nem que eu fosse a Eva e você o Adão sozinhos no paraíso — afirmou Bel.

— Vocês duas querem. A questão não é "se" mas quando — disse Rafa.

— Quando e onde. Porque não vai ser aqui — disse Miro.

— Quando, onde, como e com quem — adicionou Teo.

— "Quem", definitivamente não inclui você — lembrou Rafa.

— Ele é uma gracinha.

Comparado com você. Mas o Miro é o mais fofo — opinou Bel.

— O Rafa é bonitinho, por fora — discordou Pati.

— Obrigado — disse Rafa.

— Bonitinho igual a um porco espinho ou igual ao Hannibal Lector? — ironizou Teo.

— Vamos mudar de assunto. Eu até prefiro falar de política ou esporte — disse Pati.

— Bom trabalho, Teo. Você pega algum trubuçu com essa sua conversa fiada? — perguntou Rafa.

— Então Pati, você gosta de esportes e política. Eu votei pro Ronaldinho pra presidente — disse Teo.

— Eu na verdade quis dizer que eu detesto política e esporte — esclareceu Pati.

— Eu sei. Só estava testando o seu conhecimento. O Ronaldinho não foi candidato.

— Nós precisamos parar de perder tempo e trabalhar pra saber porque nós estamos aqui e como nós vamos sair daqui — disse Miro.

— Esquece o "porque" e vamos nos concentrar no "como" — disse Rafa.

— "Como" não deu certo. Então a gente deveria pelo menos saber o porque — discordou Bel.

— Como sair é o porque nós estamos aqui — opinou Teo.

— Essa é uma boa teoria — disse Miro.

— Meu cérebro trabalha melhor quando eu estou com fome.

— Então alguém está nos desafiando a sair daqui? Quem? — perguntou Bel.

— Um assassino em série — disse Pati.

— Uns pesquisadores malucos — disse Miro.

— Deus ou o Diabo — disse Bel.

— Alienígenas. Nós fomos abduzidos — afirmou Rafa.

— A polícia. Federal. "Os hôme" — opinou Teo.

— "Quem" não interessa. Desde que a gente saia e dê um pau neles — adicionou Rafa.

— Então nós estamos de volta a "como" — disse Bel.

— Nós não sabemos como — concluiu Pati.

— Vamos fingir que a gente está dormindo e ver o que acontece — sugeriu Miro.

— Boa idéia — disse Teo.

— E se a gente cair no sono? —
perguntou Pati.

— Aí você vai morrer, uma morte horrível, horrorosa, sangrenta. Tá com medo? Ótimo. Você vai ficar acordada — disse Rafa.

Eles se sentaram contra as barras olhando um para o outro. Miro fechou os olhos. Os outros seguiram. Miro abriu um olho e checou se os outros estavam dormindo. Ele fechou os olhos novamente.

Bel abriu os olhos um pouquinho. Pati abriu e fechou um olho. Rafa abriu os olhos checou os outros e fechou.

Teo ficou com os olhos fechados e relaxou.

CAPÍTULO 9

A noite chegou e ficou escuro dentro da jaula. Houve um estranho barulho de metal chiando.

— Ai meu Deus — choramingou Bel.

— Deus tenha piedade — emendou Pati.

— O quê foi aquilo? — perguntou Rafa.

— Eles estão trazendo a comida de amanhã. Tomara que seja carne — disse Teo.

— Eu espero que estejamos vivos amanhã — disse Pati.

— Cala a boca. Todo mundo. Escutem — disse Miro focado no som de metal batendo.

— Comida em lata. Tomara que seja salsicha — disse Teo.

— Facas, lâminas... Uma serra elétrica. A gente já era. Deus tenha piedade. Eu não quero morrer — lamentou Pati.

— Pelo menos fale alguma coisa original — pediu Rafa.

— Ninguém vai morrer — assegurou Miro.

— Eu não vou. Não posso garantir o resto de vocês — acrescentou Rafa.

— Espero que eles te ouçam e te acertem primeiro — disse Bel.

A jaula tremeu. Eles gritaram.
Seguiu-se silêncio e escuridão.

— Parou... Em nome dos deuses da ciência, o que foi aquilo? — perguntou Miro assustado.

— Isso aqui é o inferno — disse Bel.

— É um inferno — disse Rafa.

— Nós concordamos — observou Bel.

— Agora nós podemos transar sem culpa — disse Rafa.

— Transar aqui só se você estiver pensando em alugar a sua bunda pro diabo — rebateu Bel.

— Dá pros dois calarem a boca. O psicopata assassino que botou a gente aqui deve estar adorando esta conversa. Eu não — disse Pati.

— Vamos dormir — sugeriu Bel.

— Posso tirar a minha roupa? Eu geralmente gosto de dormir pelado — pediu Teo.

— Não! — responderam juntos todos os outros.

— Nós temos apenas que esperar pelo desconhecido. Incerteza é uma faca de dois gumes. Fascina a gente e dá medo — filosofou Miro.

— A única certeza na vida é a morte — adicionou Teo.

— Isso é encorajador. Obrigada, Teo — disse Bel.

— A verdade é muito difícil pra você? Por isso você é uma mulher. Você tem uma bunda mole e é uma bunda mole — disparou Rafa.

— Você é um desses caras que gosta de dar uma de machão mas quando a coisa engrossa você se borra todo — devolveu Bel.

— Ele pisaria na cabeça de todo mundo pra se salvar — acrescentou Pati.

— Pode apostar que eu pisaria em qualquer um

pra sair daqui — confirmou Rafa.

— Eu te nocautearia antes de você ter chance de tirar o pé de cima de mim. Eu estou com sono. Me acorda quando a comida chegar — pediu Teo.

— Eu vou ficar acordada a noite toda — disse Bel.

— Eu fico acordado com você — disse Miro.

— Eu não conseguiria dormir nem que eu tentasse — disse Pati.

— Vou dar uma cochilada, mas vou ficar metade acordado — disse Rafa.

CAPÍTULO 10

No próximo dia, a jaula agora estava numa floresta ao lado de um riacho.

Dentro da jaula todos estavam dormindo ao som da correnteza do riacho.

Um olho do Rafa se abriu:

— Não, não, não...

Os olhos do Miro se abriram:

— Agora nós vamos saber —
disse ele depois de acordar a Bel.

Turisistem - Desenvolvimento Turístico e Imobiliário

www.turisistem.com

Globolsa - Bolsa Direta Global

www.globolsa.com

— Saber o quê? O quê é toda esta maluquice? — perguntou Rafa.

A Bel tentou se acordar esfregando os olhos:

— Um riacho. Que amor. Que loucura. Eu desisto. Eu desisto! Vocês me escutaram?! Eu desisto!

Teo acordou:

— Eu sou inocente! Não foi eu!

Pati acordou mas ficou com os olhos fechados:

— Nós estamos livres? Me digam que estamos livres.

— Nós estamos livres. Mas ainda dentro da jaula — disse Teo.

Pati abriu seus olhos:

— Onde está a praia?

— A prainha de verão acabou.

Nós agora estamos numa floresta — respondeu Bel.

— Alguém não ia ficar acordado?

O quê aconteceu? — perguntou Rafa.

— Você não ia ficar metade acordado? Pergunta pra sua outra metade — disse Bel.

— Minhas duas metades dormiram porque você disse que ia ficar acordada. Sabia que não dava pra confiar em mulher.

Miro checou o lado da jaula:

— A gente não saiu do lugar.

— Tá certo, eu acho que a praia foi dar uma volta. Ou ela foi no banheiro dar uma mijada? — ironizou Rafa.

— Eu coloquei uma pedra e um galho no lado da jaula — explicou Miro checando de novo — Elas estão no mesmo lugar. Nós não saímos do lugar. Eu sabia.

— Não saímos do lugar? Você ficou cego? — disse Bel.

— Ele está louco. E eu vou ser a próxima. Eu quero sair daqui — choramingou Pati.

— Por favor, poupe a gente dos seus chilikos de bebê chorão — reclamou Rafa.

— Olhem vocês mesmos. Como a gente podia se mover e a pedra e o galho ficarem no mesmo lugar? — perguntou Miro.

Rafa checou e pegou a pedra e o galho.

— Então o quê você está dizendo Einstein? A gente se moveu numa dobra do tempo, campo energético ou sei lá o quê? — disse Rafa.

— Você não sabe o quê — afirmou Bel.

— O quê a gente está vendo não é o que a gente está vendo? — perguntou Teo.

— Touché. Bingo — confirmou Miro.

— Eu estou perdida — disse Pati.

— Joga essa pedra, Rafa — pediu Miro.

— Aonde?

— Em qualquer direção?

Rafa jogou a pedra pro outro lado do riacho pra dentro da floresta. Bang! A pedra bateu em metal e caiu no mesmo lado do riacho.

— O quê que foi aquilo?! Eu tava esperando um "swoosh" e não um "bang" — disse Teo.

Pati tirou o seu sapato e jogou pro outro lado. Bong! Bateu no ar e caiu no chão.

Teo tentou com seus dois tênis. Bang! Bong!

— Nossa jaula está numa jaula. Aqui se faz aqui se paga.

— O quê nós estamos olhando? Um cenário? — perguntou Rafa.

— Mas as coisas estão se movendo. O riacho está se movendo. As folhas da floresta estão se movendo — disse Bel.

— É algum tipo de domo de projeção trezentos e sessenta graus — disse Miro.

— Eu não acho que seja possível. Você já viu alguma coisa assim? — perguntou Pati.

— Eu nunca vi, ouvi ou li sobre nada igual a isso. Muita alta tecnologia — respondeu Miro.

— Isso é estranho. Eu sabia que era coisa muita esquisita. Não é desse mundo — adicionou Rafa.

Miro tirou os seus dois tênis e jogou em diferentes direções. Eles bateram em alguma coisa e caíram no chão.

— Ô seus babacas! Nós te pegamos! — provocou Teo. Ele mostrou a sua bunda desnuda contra as barras da jaula.

Rafa olhou em frente intrigado. De repente ficou escuro. Dentro da jaula parecia noite.

CAPÍTULO 11

— Eu sabia — disse Miro.

— Eu sabia que você era um gênio
— disse Bel.

— Ele não é um gênio. Quem fez
isso é um gênio. Ou não é desse
planeta. Eu estava certo. Eu sou o
gênio — disse Rafa.

Segundos depois a jaula agora estava no meio de altas dunas de areia em um dia ensolarado.

Os cinco prisioneiros olharam boquiabertos com as cabeças contra as barras da jaula.

— A gente foi tele transportado pro deserto do Saara! — exclamou Teo.

— Nós ainda estamos no mesmo lugar — afirmou Miro.

— Parece tão real — disse Pati.

— Tão real quanto uma peruca — disse Rafa.

— Isso é muito esquisito — disse Bel.

— A gente finalmente concorda em alguma coisa — disse Rafa.

— Pra mim parece areia comum a moda antiga — disse Teo.

— Onde a gente está? Isso não é desse mundo, eu tô falando — lembrou Rafa.

— Eu acho que tou vendo um oásis. Uma miragem. Aquilo não é o oceano? — perguntou Teo.

— Idiota. Nós estamos dentro de algum lugar. É uma projeção. Entendeu? — disse Rafa.

— Isso é um trabalho muito bom. Fantástico trabalho. Quem fez isso é de fato um gênio — disse Miro.

— Não existe ninguém neste planeta genial o suficiente — disse Rafa.

— Ninguém é mais gênio do que eu. Não pelo que eu faço mas pelo que eu não faço — disse Teo.

— Eu só quero sair desse inferno. Você pode não fazer isso? — perguntou Bel.

— Sim, eu não posso. Qualquer outra pessoa diria que pode, mas não pode. É por isso que eu sou um gênio. Todo mundo nasce um gênio.

Eles emburrecem na medida que envelhecem. Eu sou ainda a coisa original — acrescentou Teo.

— Então eu também sou genial — disse Pati.

— Sim você de fato é — confirmou Teo.

— E o Rafa é um retardado. Ele emburreceu consideravelmente — opinou Bel.

— Não tanto quanto você — rebateu Rafa.

— Oi, gênios. Dá pra concentrar aqui? Montanha, praia, floresta e agora dunas de areia. Deve ser uma mensagem simbólica — especulou Miro.

— Mensagem simbólica coisa nenhuma. Isso aqui é igual um aquário. Nós somos os peixes e a paisagem é a decoração — discordou Rafa.

— Eu tou surpreso em concordar com sua observação menos emburrecida — disse Teo.

— Então o menos emburrecimento é bom? — perguntou Bel.

— Claro, considerando que você tende a emburrecer, você está voltando a ser o gênio que você sempre foi — respondeu Teo.

— Então se eu ficar burro como você eu estaria ficando mais inteligente? — ironizou Bel.

— Não, você tem que ficar burra como você era pra ficar mais inteligente — adicionou Teo.

— O quê tudo isso tem haver com qualquer coisa? — disse Pati.

— Com o quê? — perguntou Miro.

— Essas dunas de areia. Ou a floresta — respondeu Pati.

— Nada. É por isso que a gente pode pensar baseado no que a gente não vê ou ouve. Se você for burro. Querendo dizer inteligente. Um gênio como você nasceu — filosofou Teo.

— Cala a sua boca. Usa ela pra fazer o que você sabe: comer. Eu acho que nós fomos sequestrados por alienígenas — afirmou Rafa.

— Burrice — refutou Bel.

— Inteligente. Eu sempre disse que nós tínhamos sido sequestrados. Por quem eu não sei — disse Pati.

— Possível, mas estatisticamente improvável. A chance seria de uma em um bilhão — disse Miro.

— Chance do quê? — perguntou Bel.

— Contatos imediatos do quarto grau — explicou Teo.

— Que grau é esse? — perguntou Pati.

Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo

www.democraciadireta.org

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

www.PraiaSurfClub.com

— Do tipo exploração alienígena da sua bunda, — esclareceu Teo.

— Isso é trabalho humano. Muita alta tecnologia, mas possivelmente humana — disse Miro.

— Possivelmente? Não é humano. É alienígena — discordou Rafa.

— Talvez isso seja coisa de um bilionário psicopata de alta tecnologia — sugeriu Bel.

— Talvez você devesse trabalhar na redução da sua burrice pra ficar um pouco mais esperta. Onde vocês viram alguma coisa assim? Nós estamos correndo um sério risco se a gente não sair dessa merda. Então vamos parar com a conversa fiada e focar em sair daqui — disse Rafa.

— Meu Deus, um novo homem surgiu. É uma burrice esperta — concordou Bel.

— Ele está certo. Nós temos que sair — disse Miro.

— O Teo estava certo. É uma esperteza burra. Querer sair daqui não é o problema. "Como" é o problema. E a não ser que alguém tenha alguma

idéia de como sair daqui a gente devia ficar calado e não ficar de papo furado — disse Pati.

— Eu sempre soube que você era genial, Pati — disse Teo.

— Você é um gênio se você sabe o "como" não se você sabe que deveria haver um "como" — disse Rafa.

— Não, se tem um "deveria-haver-um-como" então não existe um "como" mas só um "deveria haver" e a gente está de volta ao mesmo lugar — esclareceu Teo.

— Na verdade pior. Porque antes de haver um "deveria", não existia um problema — adicionou Pati.

Democracia Direta - Movimento, Partido e Governo

www.democraciadireta.org

Praia Surf Club - Clube de Esporte, Arte e Entretenimento

www.PraiaSurfClub.com

— Estou ficando perdido. Vamos apenas pensar no ‘como’. Alguma idéia? — perguntou Miro.

— Nós precisamos ficar preparados pra quando esses filhas da mãe aparecerem — disse Rafa.

— Preparar pra quê? Nós estamos numa jaula — disse Bel.

— A gente improvisa quando o que for acontecer — acrescentou Teo.

— Quando eles vierem matar a gente — disse Pati.

— Eles não vão matar — afirmou Miro.

— Eles vão levar a gente de volta pro planeta deles — adicionou Rafa.

— Isso seria ótimo. Querem gastar centenas de bilhões pra levar o homem a Marte. Esses caras vão

levar a gente de graça e economizar muito dinheiro

dos contribuintes — ponderou Teo.

— Provavelmente tem um maluco lunático ouvindo a gente agora e morrendo de rir — disse Bel.

— Eu não acho que "eles" estão rindo ou são loucos. Eles estão estudando a gente. Medindo.

Teorizando — disse Miro.

— Nós somos apenas mais uma amostra da espécie — disse Rafa.

— Eu acho que a gente deveria apenas apreciar a paisagem. Olha pra isso. Pelo menos eles têm bom gosto — disse Teo.

— Eu não acho que pilhas de areia são exatamente bom gosto. Eu prefiro a paisagem de uma varanda na Vieira Souto — disse Bel.

— A vista do cristo redentor é o que eu chamo de uma obra divina — opinou Pati.

— Eu prefiro uma relaxante vista de um telhado qualquer — disse Rafa.

— Eu acho que nada supera ver a Terra do espaço — disse Miro.

— Ah, então você deve estar feliz com tudo isso. Talvez você seja um deles. Não ia me surpreender se eles pudessem criar uma réplica humana.

— Pra quê? Eles já têm a coisa real.

— Planos de invasão, meu amigo. Planos de invasão. Você precisa assistir mais televisão e cinema pra expandir seus horizontes — explicou Teo.

— Pra que invadir se você pode controlar facilmente. O objetivo da invasão é impor controle — discordou Miro.

— Isso parece papo da CIA. Você é da agência, Miro? — perguntou Teo.

— Isso parece coisa do exército. A gente deve estar nas catacumbas do pentágono — disse Pati.

— Eu estaria feliz se esse fosse o caso. Mas acho que não é — disse Rafa.

— Eu só queria que as luzes se acendessem e isso fosse só um filme — disse Bel.

De repente houve escuridão novamente. Luz apareceu pela frestas de uma porta e de uma pequena janela na parede metálica.

— Desejo concedido. Eles te adoram tanto quanto eu — disse Rafa.

CAPÍTULO 12

— Eu estou vendo uma parede e uma janela. Tem alguém lá fora — disse Teo.

— Eu não acho que um psicopata assassino poderia financiar tudo isso — disse Pati.

— Você está certa que estava errada. E provavelmente sempre

estará. Bebê chorões imaginam coisas de mais — disse Rafa.

— O mundo tem tantos bilionários que eu não ficaria surpresa se um deles fosse um psicopata assassino — observou Bel.

— Talvez afinal eu não esteja errada — disse Pati.

— Você é uma grande psicanalista. Ela estava curada de um delírio ilusório e você trouxe ele de volta — disse Rafa para Bel.

— Você que é o maluco. A gente não foi sequestrado por sapos ou lagartos verdes espaciais.

— É uma teoria melhor do que a sua conversa fiada de céu e inferno. Você devia se livrar do seu psicanalista e procurar um padre. Você é uma fanática religiosa reprimida.

— E você é o diabo em pessoa.

— E eu sou o messias — disse Teo.

— Eu vi alguma coisa se movendo — interrompeu Miro.

— Onde? Eu não tô vendo.

— Uma sombra, atrás da janela.

— Ô imbecil! Deixa a gente sair! — gritou Bel.

— Ótimo. Eles vão deixar a gente apodrecer aqui dentro — disse Rafa.

— Ah, então os alienígenas são fluentes em português.

— Por que não? Nós deciframos aquelas coisinhas dos egípcios, não deciframos? Meu pai foi abduzido por alienígenas. Eu vi a espaçonave. Meu irmão também viu. Meu pai nunca voltou. Nós fomos sequestrados, eu tô falando. Eu odeio estar sempre certo.

Havia uma sombra atrás da janela.

— Ai meu Deus, são eles — choramingou Pati.

— Eles quem? — perguntou apreensivo Miro.

— Alienígenas. Marcianos, Plutonianos, Baltusianos, sei lá o quê. A gente nunca mais vai ver a Terra — disse Rafa amedrontado.

— Cozinha alienígena... Estou curioso — disse Teo.

— Alienígena o cacete. Esse maluco provavelmente está se masturbando — discordou Bel.

— Isso não é hora pra suas fantasias sexuais. Eles não vão explorar a sua bunda — disse Rafa.

— Ah, entendi. Você está com ciúmes. A exploração de bunda é só pra você.

Agora havia duas sombras olhando por trás da janela parcialmente iluminada.

— Nós viemos em paz! — gritou Teo.

A porta se abriu. A luz penetrou.

— A gente já era — murmurou Pati.

— Isso é histórico — disse Miro.

— Alienígenas ou não eu vou matar esses filhos da mãe — latiu Bel.

— Depois de te conhecer eles vão deixar você ir ou te matar. É uma chance meio a meio que você tem — ponderou Rafa.

— É hora do almoço. Hambúrguer Baltusiano: verde, parece uma linguiça mas tem gosto de hambúrguer com cebola, pimentão e ketchup. High-tech, simples e delicioso. É o meu tipo de cozinha intergalática — viajou Teo.

Uma pequena figura escura entrou. Não havia luz suficiente para saber quem ou o quê era.

— Deixa eu sair. Por favor? — pediu Pati.

— "Eu" sair? E a gente? — disse Bel.

— Eu quis dizer "nós" — retificou Pati.

— Eu tô cagando e andando pra o que você quis dizer. A gente não vai sair daqui — disse Rafa.

— Não seja tão negativo. Eles não podem deixar a gente aqui pra sempre — disse Miro.

— Fala isso pro meu pai.

— Eu vou sair. Vivo ou morto — afirmou Teo.

A pequena figura escura só ficou olhando.

— Quem é você? Fala comigo seu merda! — gritou Bel.

— Em nome da diplomacia das Nações Unidas, fecha a sua matraca — disse Rafa irritado.

— Olá. A gente pode conversar? — tentou Miro docemente.

— Eles não falam nossa língua seu idiota — cortou Rafa.

— Eu pensei que você disse que eles falavam — lembrou Bel.

— Eu falei que eles talvez podiam. Não significa que eles são fluentes em conversa fiada.

— Ele parece um alienígena bonitinho e legal. Igual o E.T. daquele filme — disse Pati.

Teo imitou o som de contato com alienígenas do filme Contatos Imediatos do Terceiro Grau:

— Da ra, da ra ra, da ra da ra ra.

A pequena figura escura saiu devagar.

— Aonde você vai?! Ei, você! Eu estou falando com você! Deixa a gente sair! — gritou Bel.

— Nós nunca vamos sair daqui. O meu pai nunca saiu — lamentou Rafa.

Pati foi otimista:

— Pelo menos ele não matou a gente.

— Este foi um contato imediato do quarto grau. Eu vi alguma coisa esverdeada nele. Anfíbia, ou réptil, talvez — disse Teo.

— Eu sempre estou certo. Eu detesto sempre estar certo. Quem é o gênio afinal de contas? Tudo o que eu consigo pensar agora é qual deve ser a minha próxima decisão sobre o meu portfolio de investimento antes de eu nunca mais ver a Terra — disse Rafa.

— Vende tudo ou investe em empresas de defesa contra alienígenas — sugeriu Teo.

A porta se fechou. As luzes se acenderam com brilho total. A jaula estava em uma sala com paredes metálicas com formatos geométricos exóticos encravados.

Dentro da jaula Miro comemorou:

— Aleluia. Eu vejo a luz!
Rafa estava preocupado:
— Nós precisamos sair. Ou nós
nunca vamos ver a Terra de novo.

CAPÍTULO 13

Bel checou o celular:
— Tá dando sinal!
Rafa pegou o seu. A jaula
começou a chacoalhar.
— Nós precisamos contatar o
governo. Força Aérea. Polícia
Federal — sugeriu Miro.

— Eu vou chamar a minha mãe —
disse Bel.

— O quê ela vai fazer? Chorar? —
perguntou Pati.

— Ela tem ótimas idéias. A não
ser quando é a
respeito da minha vida — explicou
Bel.

A jaula começou a chacoalhar
mais forte, o som de um motor de
alta tecnologia começou a crescer.

— Senhoras e senhores eu acho
que estamos decolando. É por isso
que o celular deu sinal. Eles devem
ter desligado o campo de força de
camuflagem igual aquele dos
Klingons do Jornada nas Estrelas —
disse Miro.

Assustado, Rafa foi para um canto
da jaula com seu celular e discou de
costas para os outros.

— Eu sempre quis ir onde
nenhum homem foi antes — disse
Teo.

— Dá pra você fechar sua boca!
— gritou Rafa, impaciente,
continuando a apanhar do seu
celular.

— Eu estou recebendo sinal de
ocupado — disse Bel.

— Chama a polícia! — gritou Pati.

— Claro. "Policial, eu estou a
bordo de uma nave
espacial. Dá pra você mandar um
carro de patrulha?" — ironizou Bel.

— Chama a estação de radar da
Força Aérea. Eles podem pegar o
sinal da nave espacial — sugeriu
Miro.

— E como eles vão tirar a gente
daqui? Teletransporte? — perguntou
Teo.

Rafa falou no celular tentando não
deixar os outros ouvirem. A jaula
continuou a chacoalhar.

— Pelo menos eles podiam ter dado uma janela com uma vista — reclamou Bel.

— Eu só quero ir pra casa. Eu tinha uma consulta com meu dentista, sábado eu ia ver uma peça de teatro... — choramingou Pati.

— Não, eu não vou ligar pro seu dentista — disse Bel.

— Deixa eu chamar meu pai — pediu Pati.

— Eu quero ligar pra minha mãe — disse Teo.

— Eu acho que devia falar com a minha avó — disse Miro.

Rafa e Bel estavam ocupados nos seus telefones celulares.

— Minha bateria está morrendo — disse Bel.

— A gente devia só relaxar e apreciar a viagem — disse Teo.

— As oportunidades científicas aqui são infinitas — observou Miro.

— Se eles deixarem a gente vivos — lembrou Bel.

— Porque eles matariam a gente? — perguntou Pati.

— Porquê nós matamos macacos bonitinhos e ratinhos brancos? — disse Bel.

— Eles não vão matar a gente porque nós somos uma espécie inteligente — disse Miro.

Teo estava otimista:

— Eles vão forçar a gente a procriar.

— Não comigo — refutou Bel.

— Eu só quero ir pra casa — choramingou Pati.

— Ah, Jesus. A gente já sabe disso. Enche o saco daquela coisa quando ele aparecer de novo — disse Bel.

Enquanto isso Rafa continuava a trabalhar no seu telefone celular.

— O quê você está fazendo, Rafa?
Chamando a sua corretora ou a sua
seguradora? — perguntou Miro.

— Não, ele está desconectando o
serviço de luz, cabo e telefone —
ironizou Bel.

— Até que é uma boa idéia —
disse Teo.

— Cala a boca, todo mundo —
mandou Rafa.

Bel tentou o seu telefone celular
de novo:

— Minha mãe deve estar fazendo
compras.

Ela escutou e desligou o seu
celular:

— Acabou. Nós gravamos tudo.

CAPÍTULO 14

— Graças a Deus. Essa coisa de construção natural e gradual estava demorando uma eternidade — disse Pati.

— O que vocês estão fazendo?
Não foi o que a gente ensaiou —
questionou Teo.

— Nós conseguimos o que você
queria. Eu não aguento mais esta
merda. Eu preciso desesperadamente
ir no banheiro. Depois quero ir num
buffet livre de comida decente com
muita carne — disse Bel.

— E eu quero cem quilos de
sorvete — comemorou Pati.

— Eu vou deduzir vinte e cinco
por cento dos seus rendimentos por
quebra de contrato — afirmou Teo.

— Que avarento babaca... Você
conseguiu seu dinheiro, não
conseguiu? — protestou Bel.

— Quanto mais cedo a gente sair
daqui, melhor — adicionou Pati.

— O que tá acontecendo, aqui? Do
quê vocês estão falando? — disse
Rafa, intrigado, desligando o
celular, enquanto o chacoalhamento

da jaula e o som de motor pararam

— Parou... O quê acabou?

O quê vocês gravaram? O quê vocês ensaiaram?

— Nós temos uma boa notícia e uma má notícia — disse Miro, enquanto todos olhavam pro Rafa que estava surpreso e intrigado com os seus olhares mudados e relaxados.

— Parece que nós não vamos a lugar nenhum — adiantou Teo.

— A boa notícia é que nós não vamos aonde nenhum homem foi antes. Nós vamos ficar aqui mesmo na mãe Terra — adicionou Miro.

— A notícia ruim, Rafa, é que nós ouvimos e gravamos as suas transações financeiras. As mudanças de ativo do seu portfólio. Suas transferências — complementou Bel.

— Do quê vocês estão falando...

— disse Rafa, confuso.

Teo puxou uma pequena alavanca no canto da jaula. Miro ajudou ele a abrir um lado da jaula, tirou um controle remoto e apertou um botão.

As paredes metálicas desapareceram. Toda a sala era na verdade um domo todo branco com a jaula no mesmo lugar.

No interior da jaula, Rafa estava surpreso e sem palavras.

— Rafa, sinto muito. Eu sou uma atriz contratada — disse Pati.

— Eu também. Mas eu não sinto muito — disse Bel.

Miro se apresentou:

— Homem dos efeitos especiais. Domo de cenários trezentos e sessenta graus com controle de temperatura e moção. Não foi legal aquele sol escaldante e o choçalhamento da jaula? Eu também de quebra dei uma de ator.

A atitude esculhambada do Teo desapareceu. Ele agora tem uma firme confiança e olhar militar:

— Eu sou um investigador particular. Eu vou manter em sigilo o meu nome e dos meus associados. Nós fomos contratados pelo seu antigo empregador, que eu tenho certeza você se lembra do nome e do endereço.

Rafa estava atordoado e incrédulo:

— O quê está havendo aqui... Eu não acredito em você.

— Negar não vai mudar nada. O fato é que você roubou mais de trinta milhões de dólares do seu ex-empregador. Você espertamente traiu a confiança deles, ilicitamente se apropriou de fundos da propriedade deles e se enriqueceu de uma maneira ilegal — lembrou Teo.

— Nós descobrimos o nome do seu banco nas Ilhas Cayman, o número da sua conta e a sua senha. Nós monitoramos sua transferência para a conta do seu irmão. Dez milhões de dólares, é o que eu chamo de generosidade familiar! — disse Bel batendo a mão aberta com a mão da Pati.

— Não é necessário ser tão específica, minha cara. O fato é que você Rafa, transferiu dinheiro para a conta do seu irmão, acreditando que você jamais voltaria a mãe Terra... — disse Teo, enquanto Bel sorriu e Pati começou a rir.

Rafa implodiu seu ódio.

— Nós descobrimos a respeito da dita abdução alienígena do seu pai através do seu irmão. Ele achou que nós estávamos ajudando o seu empregador a achar o seu pai e a fazer uma surpresa pra você — adicionou Miro.

— Pra sua informação, seu pai está deitando e rolando aqui mesmo na Terra. Ele mora num apartamentinho fudido em Copacabana — disse Bel

— Eu não acredito... Pra quê toda aquela conversa fiada de assassino em série, experiência científica, céu e inferno? — perguntou Rafa.

— A gente queria que você achasse a sua própria verdade fajuta — respondeu Bel.

— De qualquer maneira, suas superstições ou conflitos familiares reprimidos foram a sua derrocada e um momento de êxtase iluminada para meu cliente — elaborou Teo.

— Deus... O quê você falou? — perguntou Pati.

— Foi bonito. Poético — elogiou Bel.

— Obrigado pelo elogio, Belinda. Mas o “timing” é inapropriado.

— O quê ele está tentando falar pra você Rafa é que você dançou. Se ferrou. Já era — humilhou Bel.

— Vocês estão todos loucos... Loucos filhas da mãe — latiu Rafa agarrando a Bel e pressionando uma caneta contra seu pescoço — Vou fazer um furo na jugular dela. Vai sangrar até a morte — ele disse puxando ela para um canto da jaula.

CAPÍTULO 15

— Relaxa. Considere que homicídio tem uma pena muito mais severa do que fraude — ponderou Teo, calmo e confiante.

— Um longo tempo na prisão. Numa jaula como essa — acrescentou Pati.

— Ele não é macho pra fazer isso — desafiou Bel.

Rafa se esfregou contra a bunda da Bel:

— E aí eu sou macho? Me diz.

— A polícia está lá fora — avisou Miro.

— Eu acho que não. Se eles estivessem já teriam aparecido — disse Rafa ganhando confiança.

— Você está me machucando — disse Bel com o pescoço sangrando.

— Essa é a idéia, piranha.

— Deixa ela ir — disse Teo tirando uma arma e apontando para

o Rafa — Eu era um atirador de elite no exército.

— Isso aqui não é o exército. E isso aí não é um rifle — disse Rafa tirando seu celular — Vamos ligar pro meu banco.

— Esse é o meu último aviso — ameaçou Teo.

— Vou levar ela comigo pro inferno — desafiou Rafa.

— Não importa. Eu tenho seguro de vida em cima de todos os meus associados.

— Você vai receber esse seguro se você não baixar esta arma.

Bang! Teo atirou mas Rafa e Bel ainda estavam de pé.

— Você sentiu a bala zunindo ao lado do seu ouvido direito? A próxima vai penetrar o seu crânio.

— Atira nele. A gente já têm o dinheiro — disse Bel.

— Eu não sou assassino. Nem você. Mas eu vou matar em legítima defesa se for o meu último recurso de proteção a vida — disse Teo fazendo pontaria.

Rafa agarrou a Bel mais firme:

— Eu mataria ela só por diversão.

— Não me faça eliminá-lo.

— Você não está trabalhando pros meus antigos aventos empregadores, está? Como você ouviu falar do meu dinheiro? Meu irmão jamais te diria nada. É tudo conversa fiada.

— Você tem razão, Rafa. Eu era a namorada do seu irmão. Eu descobri as sua transferências de dinheiro pra ele e sobre sua estória furada de sequestro alienígena do seu pai — disse Pati.

— Então, a bonitinha inocente é na verdade uma piranha gananciosa — disse Rafa.

— O seu irmão é um calhorda. E você também é — devolveu Pati.

Rafa empurrou a Bel encima do Teo e pulou nele. Eles brigaram pela arma e caíram no chão. Bang!

Rafa levantou-se. O peito do Teo estava coberto de sangue. Pati se inclinou sobre ele, abalada:

— O quê você fez... — disse ela com os olhos cheios de lágrimas.

Teo lutou pra ficar vivo:

— Foi só azar — disse ele antes de morrer.

Pati encostou sua testa na dele. Ela se levantou. Seus olhos encharcados viraram um olhar de ódio:

— Você vai se arrepender disso.

Rafa apontou a arma:

— Parece que vocês vão receber o seguro de vida dele.

— Eu não acho que somos os beneficiários — disse Bel.

— Cala a boca, sua vagabunda —
latiu Rafa. Ele pegou seu celular,
digitou e manteve seus olhos nos
outros — Não está funcionando.
Bateria filha da mãe. Me dá a sua.

Bel mostrou o seu celular:

— Também está sem bateria, seu
desgraçado.

— Azar o seu. Parece que eu não
preciso mais de você. Adeus —
disse Rafa antes de atirar na cabeça
dela.

— Deus, você não precisava fazer
isso — disse Miro.

— Você é o próximo — ameaçou
Rafa.

— Seu dinheiro já era. Tudo. Se
você me matar você nunca vai ter
seu dinheiro de volta.

— Ele nunca vai ter o dinheiro de
volta — discordou Pati.

— Então parece que eu não preciso mais de você — disse Rafa apontando a arma para a Pati.

— O Teo e eu somos os únicos que podem recuperar o seu dinheiro. Você acabou de matar o Teo.

Rafa apontou a arma para o Miro.

— Ela tá mentindo. O Teo era o único. Mas eu posso te ajudar. Eu quero metade.

Rafa apontou a arma para a Pati.

— Ele é só um nerdi de computador. Você acha que eu ia ter a idéia e deixar o Teo ficar com o dinheiro? Eu estou com o dinheiro. Eu te devolvo metade.

— Aonde? Ou você vai morrer aqui mesmo.

— Se eu te contar, você me mata assim mesmo.

— Se você não contar você morre. Se você contar, eu te dou dez por cento pela sua esperteza. Eu odeio

ser alvo mas eu aprecio um bom atirador.

— Vinte por cento ou você nunca mais vai ver seu dinheiro.

— Quinze por cento.

— Negócio fechado.

— Não tem negócio. Eu aposto que o meu dinheiro ainda está aonde eu mandei. Vocês estão sozinhos. Não tem ninguém lá fora.

— Você tem certeza que pode confiar no seu irmão? Ele estava trabalhando pra nós.

— Esperta. Mas você está blefando. Eu conheço meu irmão.

— Ah sei, você conhece seu irmão. Quando foi a última vez que você viu ele?

— Não interessa. Eu cuido dele.

— Quando foi a última vez?

— Eu sempre mandei dinheiro pra ele.

— Desde de que ele tinha seis anos.

— Ele gosta de mim. Ele me escreve cartas.

— Você nunca respondeu nenhuma. Ele não gosta de você. Você nem o reconhece. Eu era a namorada dele até você matar ele. Dá uma boa olhada pra cara dele.

CAPÍTULO 16

— Você é uma mentirosa doente...
— disse Rafa encarando a face morta do Teo.

Miro pulou no Rafa e eles lutaram pela arma.

Pati tentou tirar a arma da mão deles e levou um tiro no estômago.

Miro mordeu a mão do Rafa. Pati sentou gemendo e sangrando.

Rafa enfiou uma caneta no pescoço do Miro.

Ele se soltou com a arma e com a caneta enfiada no seu pescoço que sangrava muito.

— Desculpa. Está doendo? Puxa a caneta pra fora. Você vai morrer mais rápido — disse Rafa sarcasticamente.

Miro pôs pressão pra conter a perda de sangue:

— Se preocupe com a sua própria dor — disse ele antes de dar um tiro na cabeça do Rafa.

— Chama uma ambulância. Eu estou morrendo — disse Pati gemendo de dor.

Miro tropeçou pra fora da jaula e devagar se arrastou até a parede do domo branco. Ele alcançou uma porta, abriu, mas caiu no chão.

Próximo ao corpo morto da Bel, Pati fechou os olhos e se juntou a ela.

Rafa tinha um tiro na cabeça, estava morto com olhos abertos e surpresos.

Teo estava pacificamente morto. Miro também, próximo a porta de saída.

Game Over.

Fim de Jogo.

Você está numa jaula?

Como você vai sair?

Não há nenhuma saída.

Porque não existe nenhuma jaula.

O Enigma da Jaula.

Um jogo de Performance da
Macrohard Corporation.

Todos os Direitos Reservados.

Aperte enter para recomeçar ou
saia por default.

Era dia na linda floresta e riacho.
A jaula desapareceu. Uma folha
desceu a correnteza do riacho
rodopiando.

Na maravilhosa praia virgem, a
jaula desapareceu. Uma onda

quebrou e a espuma rolou até a areia.

No topo da montanha costeira, a vista era deslumbrante. A jaula desapareceu. Um pássaro alçou vôo e planou livremente no infinito céu azul acima do imenso oceano. De muito acima, uma pessoa andando e se afastando ao longo da praia deserta podia ser vista.

Alguém sobreviveu.

Quem quando acima estava aberto abaixo estava fechado: Y.

Quem quando aberto estava lá fechado não estava: O.

Quem quando de cabeça para cima estava de cabeça para baixo: U.

Y.O.U.

Você.

O Enigma da Jaula.

Livro Patrocinado Gratuito

COPYRIGHT 2004 ALEX NAPOLI
TODOS DERECHOS RESERVADOS
SCRIPTSURFER ENTERTAINMENT
WWW.SCRIPTSURFER.COM